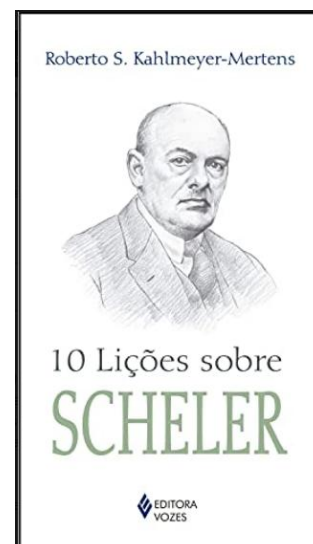


RESENHA



315

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. 10 Lições sobre Scheler. Petrópolis: Vozes, 2021, 200p.

Prof. Drnd. Willian C. Kuhn

Doutorando em Filosofia pela UNIOESTE - Toledo - PR¹

O autor do livro ora resenhado recebeu sua formação de doutorado em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dentre suas atuações, o Prof. Dr. Kahlmeyer-Mertens é membro efetivo da *Max Scheler Gesellschaft* e da *Nordic Society for Phenomenology*. Atua como professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE sendo também colaborador da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

Não é de pouca monta o empreendimento de apresentar didaticamente o pensamento de um filósofo tão inspirado e profundo quanto Max Scheler, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, tão pouco lido. Mas graças ao esforço de

¹ E-mail: willianckuhn@gmail.com

Kahlmeyer-Mertens de trazer à discussão uma filosofia desse porte, esta gradualmente parece retomar seu lugar merecido nos estudos acadêmicos.

O maior reconhecimento que Max Scheler recebe é, sobretudo, pela sua axiologia fenomenológica, depois por sua antropologia filosófica fundada em uma metafísica. Não obstante, Scheler escreveu sobre diversos temas, fazendo um resgate da dimensão dos afetos do ser humano, considerando a forte resistência de uma tradição, em certo sentido, apolínea, racionalizante. Trabalhos como este, de apresentação sintética para uma iniciação filosófica parecem se fazer necessários, já que a obra scheleriana parece ter sido algo negligenciada na história das repercussões filosóficas. É aqui que o empreendimento de Kahlmeyer-Mertens mostra seu mérito ao apresentar em *10 Lições sobre Scheler* o pensamento scheleriano, passando pelas três fases de sua filosofia sem desconsiderar seus traços essenciais, bem como o impacto de tal filosofia.

Para iniciar a exposição do pensamento do filósofo, nessa primeira lição, intitulada “Retrato do novo Fausto” (p. 13-36), o comentador recorre à descrição fenomenológica, tendo como ponto inicial de perspectiva a pintura de Otto Dix, pintor expressionista alemão, na qual se vê realçar traços tão peculiares, tão díspares do filósofo alemão, que são capazes de mostrar a mescla de sua força espiritual e algo de caótico de sua personalidade. *Eis o novo fausto: o pensador que filosofava do nascer ao pôr-do-sol, mostrando traços constantes de impulsividade!* Desse modo, nessa primeira lição são elencadas algumas características da *persona* do filósofo alemão, bem como o itinerário vivencial que levou Scheler até a universidade onde recebeu fortes influências de Eucken e de Husserl.

Na segunda lição, intitulada “Fenomenologia: heranças e heresias” (p. 37-60), o comentador mostra as influências que a fenomenologia de Husserl teve em Scheler, seja como algo incorporado em seu estilo descritivo, pelo menos em um momento inicial de sua filosofia, quanto das supostas “heresias” cometidas por este e por tantos outros, isto porque, como nos diz Kahlmeyer-Mertens: “A bem da verdade, na fenomenologia posterior a Husserl, mais se observam apropriações divergentes do que obediência ortodoxa ao programa do seu iniciador” (p. 54). Para adentrar no pensamento husserliano, a fim de identificar com mais precisão em que medida há uma aproximação ou não entre os pensadores, procura-se mostrar nesse capítulo as principais motivações da fenomenologia, como é o caso do lema “volta às coisas mesmas”, e do caráter descritivo dessa nova ciência, sem esquecer da ideia norteadora da “intencionalidade”. Aqui já se pode apontar para uma notável herança do estilo fenomenológico em Scheler: a intencionalidade dos sentimentos. A rigor se trata de uma readequação dos moldes originais de pensamento voltando o foco de operação filosófica para um campo antes inexplorado por Husserl, os sentimentos, isto porque “[...] mesmo os sentimentos são atos de consciência [...]”.

Prosseguindo na exposição do pensamento scheleriano, no terceiro capítulo “A experiência dos valores materiais” (p. 61-72) é delineada uma substancial diferença do foco de Scheler para com o fundador da fenomenologia, sendo nosso filósofo preocupado com a questão do homem, enquanto Husserl se ocupava com questões

lógicas. Nesse sentido, Scheler parte para a elaboração de uma teoria do valor, trazendo consigo a herança do método husserliano ao buscar interpretar o valor por seu viés fenomenológico. Assim, Kahlmeyer-Mertens torna compreensível a estreita relação entre qualidade do valor e aquilo de que tal valor é subjacente, ou seja, seu portador, e com igual clareza, explicita a abordagem fenomenológica sendo aplicada à teoria dos valores, pois Scheler fala, nesse contexto, não mais de uma *Wesenschau* (intuição da essência) mas de uma *Wertschau*, isto é, uma intuição do valor, que se trata de uma experiência pessoal de apreensão dessa unidade por meio do sentir. Eis o grande brilhantismo de Scheler, ao manusear o método fenomenológico.

Outro tópico sobre o referido autor, isto é, a quarta lição, “Formalismo ético e ontologismo axiológico” (p. 73-88), refere-se ao debate estabelecido na obra *Formalismo na ética* de Max Scheler, com a filosofia prática de Kant, e o erro que Kahlmeyer-Mertens chama a atenção, é de, em uma leitura apressada, entender-se tal obra scheleriana como um confronto direto ao formalismo kantiano, sendo que, na verdade “[...] a crítica à ética kantiana tem apenas papel secundário” (p. 74). Nesse sentido, a aplicação do termo “formalismo” à ética kantiana, bem como o fato da impossibilidade de Kant obter um vislumbre do aspecto material dos valores, é explicada por dois motivos, muito bem circunstanciados pelo nosso autor, a saber: por Kant ter se baseado em uma ideia de mundo burguesa e, por outro lado, por este último não ter tido acesso a uma fenomenologia, como foi a sorte de Scheler.

317

Pelo que foi possível observar até aqui, Scheler estabeleceu importante diálogo com Kant, usando o método inaugurado por Husserl. Assim, no quinto capítulo, “*Redite ad cor*” (p. 89-106), o comentador apresenta a principal ferramenta de investigação fenomenológica, a *redução*, não no sentido de uma subtração de uma parte do fenômeno, mas como uma estratégia de retorno ao essencial. Faz-se notar aqui o mérito de Scheler de pôr em relevo a temática dos sentimentos, colocada em lugar secundário na tradição filosófica. Assim, Scheler empreende um diálogo com a tradição em busca do *apriori* axiológico. A fim de tornar mais compreensível o título do capítulo, então, coloca Kahlmeyer-Mertens: “*Redite ad cor* é a expressão que aqui apropriamos para nomear a redução fenomenológica a um campo no qual os conteúdos axiológicos objetivos se dão ao coração” (p. 99). Vê-se aqui Scheler recrutando o aparato fenomenológico de investigação de um modo novo, não apenas reservado à consciência, mas também ao “sentir” (*fühlen*). Por meio desse sentir, então, é possível acessar o fenômeno do valor dentro da ordem prévia que ele ocupa em uma hierarquia.

Na sexta lição o autor trata de um dos conceitos centrais da filosofia de Max Scheler, a saber: “A Pessoa” (p. 107-122). Nessa, mostra primeiramente em quais obras se vê explorado tal conceito, bem como explicita uma das formulações mais evidentes de pessoa para Scheler, em sua *Ética*. Prosseguindo no exame de tal conceito, é apresentada, então a correlação desse conceito com sua característica de ser *performadora de atos* bem como a relação intencional que a consciência estabelece com algo. No trato desse conceito, também é importante observar a diferença do

conceito scheleriano da concepção de Kant, enquanto sujeito racional. Para Scheler, a pessoa se mostra pelos seus atos, e é o centro destes; daí, Kahlmeyer-Mertens mostra a pessoa tanto no seu aspecto individual quanto coletivo, na sua manifestação espiritual única e na sua “pessoa conjunta”. Mostra-se também nesse capítulo que esse personalismo ético de Scheler permite pensar a pessoa como um ser dotado do valor mais alto, sendo que, ao mesmo tempo, permitiria atribuir-se apenas a esse ser os termos de “bom” e “mau”. Essa fina elaboração do filósofo deixou claro o foco do seu pensamento, a saber: a busca pela compreensão do ser humano em sua profundidade. E vemos nessa lição as possibilidades de encontrar o desenlace dessa investigação culminando em um personalismo axiológico.

Seguindo a apresentação da filosofia scheleriana, que, tal como foi possível observar, dá ênfase à pessoa e à esfera dos seus afetos, encontramos na sétima lição uma importante apresentação acerca “Do ressentimento” (p.123-141). Nesta que é a lição mais notável desse pequeno livro, temos que Scheler, com sua fenomenologia dos valores torna capaz tal investigação uma vez que busca descrever o ser humano em sua existência, que não é meramente constituída por conteúdos mentais, mas por sentimentos. É daí que observamos a influência recebida de Nietzsche. Há aqui, então uma descrição do ressentimento bem como dos sentimentos a ele associados, como a inveja, malícia, rancor, ódio e vingança, sendo que a principal delas pode-se resumir a “um envenenamento da alma”. Trata-se, pois, não de um evento raro, mas comum em várias dimensões de nossa sociedade, o qual se manifesta em dois níveis: *o mais simples*, como uma “aspiração de possuir bens”, que se resolve com a aquisição de tal bem; já *o segundo nível*, se trata de uma “inveja existencial” que se comporta como uma “admiração invertida”, uma aspiração de ser o outro e, por sua impossibilidade de efetuação, trata-se de algo mais grave que a situação antes descrita. Kahlmeyer-Mertens esmiúça a seguir os demais sentimentos ligados ao ressentimento. Sinteticamente, o rancor pode se entender como relacionado a um “valor próprio ferido”; a malícia, a “alegria sarcástica” bem como a “maldade”; por fim, apresenta-se o ímpeto de vingança como “[...] expressão de uma vivência de impotência e do sentimento patético de ser [...]”, isto é, para Scheler, uma expressão de fraqueza.

Em estreita ligação com o capítulo anterior, na oitava lição, intitulada “Da simpatia” (p. 141-154), há uma apresentação do estudo scheleriano em torno de tal sentimento. Kahlmeyer-Mertens mostra aqui, que o interesse do filósofo em tal sentimento se dá por três motivos: a investigação do lugar que ocupa tal sentimento na conjuntura das doutrinas moralistas; a recepção de tal sentimento na corrente chamada de “filosofia da vida” e por fim, a de retirar qualquer ambiguidade que possa ter tal conceito. Visando aprofundar na explicitação de Scheler em relação à simpatia, O autor apresenta a análise semântica da palavra original do alemão (*Mitgefühl*) revelando com isso as variações de sentido, ou, mais precisamente, as diferentes formas de manifestação do fenômeno da simpatia que surgem a partir daí: o sentir-com; o sentir-com em algo; o contágio sentimental e a empatia genuína. O sentir-com trata-se de um fenômeno entre dois indivíduos que “[...] vivenciam

conjuntamente o mesmo sofrimento manifesto enquanto um complexo de valores” (p.144). Já o contágio sentimental trata de um fenômeno involuntário, exemplificado, nesse caso somos: “[...] arrastados por essas expressões sem que haja realmente um conhecimento do sentimento do próximo.” Kahlmeyer-Mertens apresenta em seguida a *empatia* como sendo a terceira manifestação fenomenológica da simpatia, isto é, uma forma de “unificação de eu próprio com um eu individual alheio.” Mas o leitor poderia se perguntar de qual tipo seria essa unificação, ao que o comentador pontua como uma unificação “sentimental”. Tal é a análise fenomenológica do filósofo da simpatia, que o leva a identificar cada uma das camadas de manifestação desse fenômeno chamado empatia. Para exemplificar, três casos podem-se incluir aí: a) a identificação do indivíduo com o animal representado em uma cultura indígena totêmica; b) a unificação do estado de êxtase das religiões de mistério antigas; c) a união entre o hipnotizador e o hipnotizado quando efetiva, tornando-se permanente. Chega-se ao momento, então, de tratar propriamente do fenômeno da simpatia, cuja expressão se dá tanto como congratulação quanto compaixão, sendo a primeira dirigida à alegria de outrem, e a segunda, à dor, ambas enquanto vivências. Assim, após expor as diferentes abordagens que a simpatia vinha recebendo em sua época, com Kahlmeyer-Mertens podemos observar como Scheler chega a uma fundamentação, através de leis a respeito da simpatia, cujo pilar é o *sentir-com*, que é a base do sentimento do homem possível ao homem. Este último é responsável mais do que a simpatia pelo acesso a essência alheia, ensejando assim em um fundamento para uma ética.

Na lição penúltima do livro, “Um enérgico não contra a efetividade ou do ‘asceta da vida’” (p. 155-174), Kahlmeyer-Mertens mostra os motivos que levaram à crise de compreensão do homem, nas primeiras décadas do século XX. Crise essa que se mostrou também como da razão, e, ao mesmo tempo, da metafísica, a qual culminou em movimentos antimetafísicos (positivista) sendo este o contexto do surgimento da antropologia filosófica. Tal projeto scheleriano, é verdade, tem suas sementes trazidas pelo projeto crítico kantiano, mas, a esse respeito, Kahlmeyer-Mertens enfatiza: “É a Scheler a quem devemos o lançamento da pedra fundamental da antropologia filosófica.” (p.160). Assim, nosso estudioso de Scheler apresenta os vários estágios do ser psico-físico que foram apresentados em seu esboço de antropologia, a saber na obra publicada em 1928 *Die Stellung des Menschen im Kosmos*. É digno de nota aqui a defesa que Kahlmeyer-Mertens faz de Scheler quando este foi criticado por Heidegger pelo fato de este não ter feito alusão ao caráter de esboço de tal escrito scheleriano. Além do mais, o autor de *10 Lições sobre Scheler* faz entender a razão do título do capítulo que agora se discute: apesar de o homem ter todos os níveis que o animal possui em si mesmo, a ele abre-se uma outra possibilidade, que é dizer “não” à mecanicidade. Isto o difere do animal, que está sempre preso ao seu meio. Aqui mostra-se o caráter espiritual do homem, caracterizado por essa abertura ao mundo, proveniente da capacidade de escolha.

Encerrando o livro, na décima lição, seu autor traz à lume uma das teses mais emblemáticas do filósofo que aqui estudamos, a saber: “Um Deus fraco?” (p. 175-185). A partir da característica típica do humano, a abertura que a pouco mencionamos, surge uma nova oportunidade de expansão para esferas mais elevadas do ser no pensamento de Scheler, da consciência de si, para a consciência de mundo, bem como para a consciência de Deus (absoluto). Mas qual seria a concepção de Scheler acerca desse ponto? Scheler, em sua primeira fase ainda se mantinha ligado a uma concepção teísta. Por outro lado, mostra Kahlmeyer-Mertens, que em um segundo momento Scheler abandona essa visão teísta. Qual seria a nova concepção, então? É lugar comum dos comentadores alternarem entre assumir um panteísmo ou ainda, um semipanteísmo. O que fica claro é que haveria outra alternativa, excluindo obviamente a tese mais radical oposta ao teísmo, ou seja, o ateísmo. Aqui, nosso comentador assinala a um Deísmo, isto é: “[...] esta que propugna que só podemos experimentar Deus por meio de uma concepção transcendental, ou seja, pela simples razão” (p. 184).

Foi possível observar, enfim, que a obra que aqui resenhamos se trata de uma introdução modelar ao pensamento scheleriano pois embora trabalhe com variados conceitos e diferentes fases de seu pensamento, não deixa de ter profundidade de reflexão. A ordem de exposição dos temas também contribui para uma melhor compreensão da filosofia scheleriana, uma vez que respeita o próprio movimento de criação do autor, de um personalismo ético para uma antropologia metafísica, passando pela fase intermediária na qual foi elaborada uma fenomenologia dos sentimentos, deixando a cabo do leitor a continuidade de uma pesquisa acerca de um pensador tão produtivo e original como Max Scheler.

Submetido: 10 de maio de 2021

Aceito: 07 de julho de 2021